

escola e a família, 'evitada de todo um potencial conjunto de efeitos perversos' (p.347). As 'armadilhas' de que fala Pedro Silva podem ser encontradas, igualmente, noutros tipos de relação em que as questões de poder são determinantes. Pretende o autor dar conta e alertar para os seus efeitos e, tanto quanto possível, dar o seu contributo para 'desarmadilhar a prática'. Destaco ainda o facto de esta relação ter subjacente, nas sociedades contemporâneas, uma relação entre culturas, por isso o interesse do autor na reflexão de conceitos como multiculturalismo ou interculturalidade.

Ao integrar o enquadramento teórico-conceptual, exposto na primeira parte, com o conhecimento produzido através do trabalho etnográfico, exposto na segunda parte, o autor explica – no sexto e último capítulo, 'Escola-família, uma Relação Multifacetada' – o seu pensamento e (re)cria uma conceptualização da relação escola-família, ensaiando a abertura de novas direcções. Em particular, o autor parte da existência 'de duas díades: a das duas vertentes – escola e lar – e a das duas dimensões de actuação – individual e colectiva' (p.349). Pedro Silva, defensor de um estreitamento de relações entre escolas e famílias, por razões ideológicas – uma vez que acredita no potencial democratizador dessa relação – e por razões pragmáticas – porque acredita que se aprende a colaborar, colaborando – discute, criticamente, 'a relação escola-família, num trabalho que acaba por revelar um percurso algo circular, macro-micro-macro' (p.347).

Recomendo, vivamente, a leitura deste livro – em particular, o sexto capítulo e as direcções apresentadas – a quem 'mescla [...], assumidamente, uma postura de cientista com a de cidadão, ou, se se preferir, aponta para uma postura de cientista-cidadão ou de cidadão-cientista', uma caracterização que, na verdade, se aplica hoje a todos aqueles que, de um ponto de vista profissional, familiar, crítico ou teórico se encontram confrontados com a encruzilhada sociocultural e política entre a família e a escola.

Dulce Simões

Instituto Superior Miguel Torga

Eduardo Sá. *Más Maneiras de Sermos Bons Pais: As Crianças, o Pensamento e a Família*. 6ª edição. 2003. Fim de Século-Edições, 117 pp. ISBN: 972-754-200-X

O livro de Eduardo Sá chama logo a atenção, pelo título, constituído por uma colectânea de 16 textos acerca da criança e da família, tendo sido alguns deles publicados, em forma de crónica, na revista *Pais*.

No texto 'Bons Meninos Maus ... As Crianças e a Família', o autor começa por referir que se nasce antes de nascer, pois, do seu ponto de vista, um filho nasce primeiro na imaginação e no sonho dos pais, isto é, nasce primeiro num plano emocional. Em seguida, Eduardo Sá fala acerca da importância da família, quer do ponto de vista dos filhos, quer do ponto de vista dos pais, afirmando que 'os filhos são quem mais nos faz sermos nós. Fazem-nos sentir menos só; enternecem-nos, assustam-nos, desesperam-nos, permitem que nos reencontremos e, de cada vez que os sentimos parecidos connosco ao olhá-los, contemplamos a nossa eternidade' (pp.15-16). O autor chama a atenção para a importância das crianças 'brincarem aos pais e aos filhos', permitindo, assim, que estas dramatizem o comportamento dos pais e, perante si próprias, ao viverem o lugar do outro, o possam pensar. Este texto termina referindo que, quando os pais silenciam os afectos, as crianças tornam-se medrosas, inseguras, indisponíveis para amar, pouco curiosas e tristes, o que traduz a importância dos afectos da parte dos pais para com os filhos.

Em 'O Pensamento dos Bebés: Realidade e Fantasia na Relação Precoce', o autor começa por relatar uma história acerca de uma senhora grávida que foi a uma consulta e o obstetra lhe fez uma ecografia de rotina, a que o outro filho de 4 anos assistiu. Esta criança, depois de lhe terem explicado o que estava a ver no ecrã pergunta se, da próxima vez, pode trazer o seu pai, porque este arranja televisões. Na verdade, neste momento do livro, Eduardo Sá dirige a atenção para o pensamento dos bebés, referindo-se a sensações, a movimentos de habituação sensorial e a emoções, concluindo que um 'feto emocional-se, reage e comunica' (p.25).

No texto 'O Pai Natal', considera-se que 'o Natal chega quando nos chegamos para junto de quem nos faz sentir ao pé da nossa liberdade' (p.35). Seguidamente, é enfatizada

a importância das prendas que se oferecem no Natal, pois são estas que nos levam a pensar que não estamos sós e que quem nos oferece um presente, para além de uma lembrança, o faz em função do que conhece de nós.

Na narrativa seguinte, 'Os Grandes Amigos dos Pequenos', faz-se a comparação entre 'o brincar da criança com os brinquedos' e o 'brincar dos adultos com o trabalho', acrescentando que é essencial brincar e jogar. No entanto, o autor mostra preocupação relativamente à forma compulsiva como algumas crianças brincam, bloqueando-lhes o pensamento.

'O Príncipe com Orelhas de Burro' recorre ao elefante Dumbo, referindo que 'se nasce muitas vezes depois de nascer, pois nasce-se para alguém, para projectos, para sonhos, para ilusões, como se nasce para a vida' (p.45), tal como acontece com Dumbo. E, em 'Lucky Luke e a Sombra', servindo-se de desenhos animados bem conhecidos, Eduardo Sá lembra que 'o medo da imagem do corpo esconde o medo do corpo e do que ele guarda e somos, de manhã, as primeiras pessoas com quem 'damos de caras', ora nos sentimos mais bonitos ora mais feios' (p.49). Em particular, é chamada a atenção para o modo confuso como um bebé se confronta com a imagem da mãe no espelho, como as crianças se confrontam com o telefone ou com as fotografias. Neste sentido, desde o início da vida do bebé, lhe damos as condições para fazer a distinção entre imagens e identidade, considerando que, no fundo e a título de conclusão, 'é a luz que dá a vida às sombras' (p.50).

Seguidamente, em 'Más Maneiras de Sermos Bons Pais', Eduardo Sá enumera-nos, provocativamente, algumas formas para este objectivo. 1) Nem sempre os pais são bem educados na relação com os filhos, uma vez que fazem asneiras, têm birras, amuam, são teimosos, mentem, mas porque 'pai é pai' são sempre 'desculpados' pelos filhos. 2) Um filho pode permitir o conhecimento entre os pais. 3) É bom que as crianças mintam, uma vez que mentir é poder guardar segredo. 4) É bom que as crianças roubem aos pais, sobretudo que lhes roubem a atenção que estes não estão disponíveis para dar. 5) É bom que as crianças resistam à sopa, não porque a sopa não seja boa, mas porque, assim, utilizam a sopa para conversarem com a família. 6) É bom que as crianças

resmunguem de manhã, lembrando aos pais que estes lhes exigem ritmos acelerados. 7) É bom que as crianças desmanchem as coisas para as arrumarem a seguir, uma vez que viver é montar e desmanchar ideias para as montar de seguida. 8) É bom que as crianças sonhem acordadas. 9) É bom que as crianças brinquem mais do que estudam e, sobretudo, que brinquem com os pais. 10) É bom que as crianças tenham más maneiras para os pais, já que ao dizer-lhes 'não' é ter espaço para dizer 'sim' ao que sentem. 11) É bom quando as crianças não dormem de noite, uma vez que ter medo de adormecer é dizer aos pais que se tem medo do que se vê quando se fecham os olhos, pedindo-lhes que façam de 'anjo-da-guarda' do sono. 12) Mau é quando as crianças desistam de falar. Em resumo, 'talvez sejamos todos bons pais a quem, às vezes, faltam más maneiras de ajudar os filhos a pensar sempre que pensamos por eles' (p.58).

O texto 'A Idade dos Porquês' fala acerca do 'não', do 'talvez', do 'porquê' e do 'crescer'. E, na sequência deste texto, temos 'A Idade da Razão', no qual é dada especial ênfase ao aniversário e ao facto de não podermos nunca crescer sozinhos. Em 'Histórias, Para Que Vos Querol!', diz-se que, quando as crianças brincam, é a sério, quando lêem, tal como sonham, também é a sério: 'talvez as pessoas se assemelhem a histórias por abrir e, pior, não partimos para a sua leitura com uma disponibilidade essencial com que nos entregamos às histórias' (p.69).

Segue-se 'A Morte dos Heróis', noticiando a notícia da morte do Super-Homem, afirmando que, para nós, terá sido uma desilusão, pois, afinal, não era 'super'. O propósito de 'Silêncios', o texto seguinte, é retratar Snoopy como um 'cão metido consigo', salientando que, tal como o Snoopy, as crianças só se calam quando têm alguma coisa para dizer ou, pensar através do silêncio, é termos a coragem de nos vermos por dentro, permitindo-nos crescer.

O autor pergunta, em 'O Nariz do Pinóquio', se 'mentir é não dizer a verdade os escondê-la...?', salientando que o importante talvez não seja que se minta, mas a verdade que se deixa de dar conta, quando se mente, salientando, ainda, que as crianças não mentem muito umas às outras com a consciência disso, mas fazem-no, sobretudo, às pessoas crescidas, esquecendo-nos nós, adultos, que 'quando mentimos faze-

mos sempre a realidade andar à velocidade da imaginação' (p.83). Finalmente, pergunta 'é importante para uma criança poder mentir?', respondendo que, para além de importante, é fundamental, preocupando-lhe apenas as crianças que mentem muito e as que não podem mentir, porque não poder mentir é não ser capaz de confiar e, ao contrário, mentir é ser capaz de guardar um segredo.

'Eternos para Sempre: As Crianças e a Morte discute a persuasão de que 'somos eternos, porque perduramos dentro de quem nos dá o seu espaço interior e que morrer é desistir de pensar', acrescentando que 'emocionalmente, não se nasce nem nunca se morre sozinho, mas sim para alguém' (p.87). Seguidamente, em 'Branca de Neve e a Bela Adormecida', o autor fala do amor, referindo que 'beleza, amor e verdade equivalem-se [...], pelo que amar não adormece, antes desperta, e não há forma de se ser amado e permanecer adormecido' (p.93). Finalmente, em 'A Dor', Eduardo Sá fala do seu trabalho, salientando que este se faz com 'pessoas que me procuram em função [...] da dor dos seus desencontros interiores e, comigo, se tentam encontrar perante [...] a dor da consciência de si próprias' (p.95). O autor aborda várias perspectivas da dor, como, por exemplo, a criança que brinca com a sua própria dor, a dor do crescimento, a dor do parto para os bebés, a dor da separação: 'A vulnerabilidade à dor terá muito de interior e pessoal, e estará em ligação com o vivido relacional' (p.98).

O autor termina este livro, provocativamente, poético, lustral e, para muitos, sem dúvida, um livro 'alternativo', com um apêndice sobre 'O Pensamento e a Ética na Relação Pedagógica', a que se seguem as referências bibliográficas.

Susana Ramos

Faculdade de Ciências do Desporto da
Universidade de Coimbra / Instituto
Superior Miguel Torga

Arthur T. Costigan, Margaret Smith Crocco, Karen Kepler Zumwalt. 2004. *Learning to Teach in the Age of Accountability*. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates. 288 pp. ISBN: 0805847081.

Este é um livro diferente. É um livro diferente, pelas temáticas abordadas, os métodos de investigação utilizados e as conclusões que produz. Incluído, desde o seu lançamento, na bibliografia obrigatória de vários cursos de formação de professores nos Estados Unidos e escrito por profissionais e académicos com larga experiência nessa área, este estudo tem uma relevância que não se reduz, porém, ao ambiente americano.

A questão organizante do livro é a noção de profissionalidade docente, no contexto das escolas urbanas nova-iorquinas e numa época de crescente 'accountability', recorrendo a entrevistas extensivas com jovens professores dos diferentes níveis de ensino. O objectivo é analisar, no terreno, os processos de crescimento da identidade profissional do professor, em escolas, frequentemente, com 'salas de aula sobrelotadas e com poucos recursos, alunos imigrantes que falam pouco inglês, desafios agudos, em termos de literacia, administradores e professores em situação de burn-out, operações caóticas e, em alguns casos, violência' (p. ix, do Prefácio). A este cenário, há que adicionar uma política educativa baseada na testagem dos conhecimentos dos alunos, busca de resultados elevados (*high-stakes*) e na responsabilização do docente pelos resultados dos seus alunos (*accountability*). O livro não é, porém, maniqueísta, não divide as coisas em boas e más. As análises e entrevistas ressaltam situações de resiliência – na presença de um número conjunto de factores associados com o insucesso, os professores conseguiram impor a sua competência e obter bons resultados – e, de igual modo, apresenta também situações de absurdo e turbulento insucesso.

O livro é dividido em cinco partes. A primeira e a última partes são dedicadas a apresentar um conjunto de ideias centrais acerca da investigação sobre o ensino, sendo o último capítulo da autoria da professora Karen Kepler Zumwalt, ex-directora do Teachers College da City University de Nova Iorque. Desta forma, no final do livro, aquela autora procede a uma releitura de alguns dos aspectos apresentados no capítulo inicial, agora